

COTIDIANO



Cotidiano

MARIANA TRAVACIO

*Tradução de
Bruno Ribeiro*



Sumário

Semana Santa	9
Trajatórias	14
Manuela	18
Bleu, blanc, rouge	24
Construção	34
Ninguém ali	54
Matem os pombinhos	57
Fendas	62
O último diário de Ofelia Ortiz	70
Rapsódia silenciosa	85
Caminhada	99



*Eu faço isso em uma ausência hostil enquanto
cada antigo, pétreo minuto da estação do amor
abriga minha língua ancorada.*

Dylan Thomas



Semana Santa

Era Semana Santa. Vamos fazer alguma coisa, ele disse, e aceitei. Devia ter dito que não, nunca gostei do interior.

Na verdade, há cidades interioranas que eu gosto: as que não têm pretensões, as que vivem de portas fechadas, como se o exterior não importasse ou como se o tempo não existisse.

Não gosto das interioranas que querem ser cidade grande: as que assumem suas formas de arranha-céus, contendo aquilo que corrompe ou que nunca descansa, de onde não tem retorno. Esta cidade interiorana é assim: tem dois ou três arranha-céus que vigiam as casas menores que em breve deixarão de existir: as pessoas começam a se confundir entre o que isso era e o que isso será. Neste tipo de lugares, as pessoas andam como se estivessem embriagadas: de falsas festas, de puro barulho, sem rumo. Nada trazem os arranha-céus consigo, ainda que eles não saibam e os festejem em suas vigílias sem fim, como se quisessem presenciar esse futuro que vem desenterrar com seus resplendores a opacidade segura dos destinos agora perdidos, porque eles já não têm nome, são apenas despojos, sem identidade; restos que se derrubam sozinhos, debilitados entre esse passado pouca coisa e este presente puro nada.

Saímos tarde de casa, apressados, porque não queríamos chegar à noite. Devia ter dito: melhor ficarmos, está tarde. Mas não disse nada.

Chegamos de noite e ficamos em um quarto úmido e caro onde ninguém nos esperava. Dormimos respirando o cheiro rançoso dos lugares abandonados. Devia ter dito: vamos buscar

outro hotel, ainda que estejamos cansados. Mas fiquei em silêncio. Suponho que vinha me comportando como um cachorro adestrado.

Foi ontem à noite.

Pedro queria ir a La Aldaba, alguém o recomendou quando passeávamos pelo porto. Eu disse que não queria, que devia ser um lugar espantoso. Na verdade, não podia saber, mas tudo indicava que seria: a rua se estreitando à medida que avançávamos, a luz maçante abafando as calçadas de lixos espalhados, esses bêbados na esquina, empurrando-se entre ruídos de vidros despedaçando nos paralelepípedos mal asfaltados e apenas a lua prevendo o nosso caminho.

E ele, como se nada estivesse acontecendo:

– Vamos, tomamos umas cervejas e voltamos.

E eu:

– Está escuro, Pedro. É sério?

E Pedro:

– Sim, querida, fica tranquila, me disseram que lá é ótimo.

Eu caminhava atrás dele, para que não visse meu desalento, mas o continuava seguindo, para não discutir, por hábito, ou porque sim.

Devia ter dito que não queria, que não viéssemos para essa cidadezinha que não é mais uma cidadezinha. Mas também não. Só concordei, ou consenti, como se estivesse contente, ainda que não estivesse.

Eu disse:

– Vamos voltar, está escuro, há bêbados no meio da rua.

E ele:

– Você tá doida, tem nenhum bêbado aqui, só gente da cidade.

E eu, em minhas entranhas: isso não é uma cidadezinha, tá apodrecendo, aqui não tem gente do interior, sabendo disso, mas ficando muda, para não discutir.

Entramos. A La Aldaba. Ele eufórico. Eu atrás. Eram oito ou dez mesas de madeira. E umas cadeiras também de madeira. Cheirava a cigarro e a álcool. A música conseguia esconder as vozes. Depois vinha a cortina. Verde, como de algodão, ou de veludo drapeado; verde azeitona. E umas mesas de sinuca: umas cinco ou seis, todas ocupadas, e uns ventiladores pendurados no teto que moviam devagar a fumaça densa, que oferecia certa resistência, entre o cheiro de álcool barato e as risadas falsas, fortes, insuportáveis, que se misturavam com a música e com algum grito de alegria, ou de rancor, que saía das mesas de sinuca. E outra cortina, vermelha, pesada, que separava a sinuca das mesas de pôquer.

E Pedro:

– Pode jogar?

E o homem:

– São 100 pesos para entrar e a ficha custa cinco.

E Pedro:

– Perfeito.

E eu, pensando:

– Vai se meter em problemas de novo.

E dizendo:

– É sério?

E Pedro:

– Sim, querida, fica tranquila, hoje é a minha noite de sorte.

E eu, odiando-me, juntando coragem:

– E eu faço o quê?

E Pedro, como se se importasse:

– Toma alguma coisa, não demoro.

Ainda o vejo me dando tchau e sentando. Ele coloca o dinheiro na mesa: entregam as fichas a ele. Enquanto volto para a cortina vermelha, que dá para a sinuca, me viro só para ver se ele me nota, mas não o faz: já está com eles. Sigo até a primeira

sinuca: dois homens jogavam. Não havia mulheres. Sentei no balcão e pedi uma cerveja. Fiquei olhando por um tempo: as sinucas, esses homens, os ruídos, a fumaça; senti-me observada. Perguntei ao garçom se podia sentar numa mesa com a minha cerveja, longe da sinuca, longe do pôquer. Ele disse que, estritamente, não poderia me deixar ir. Mas levantou um olho e cabeceou: que sim, que passe pela cortina e volte pra lá. Fez um sinal para alguém: entendi que diziam que meu marido jogava pôquer, que eu precisava me distrair, mas pode ter sido qualquer outra coisa: seja como for, peguei minha cerveja e cruzei a cortina, busquei uma mesa que me amparasse, que fosse menos sórdida, ainda que todas fossem similares. Sentei-me em uma que dava para a rua, Pedro não teria gostado, mas eu não suportava olhar para dentro: preferi cravar meus olhos nos paralelepípedos mal asfaltados, nas motos estacionadas na porta e no silêncio, porque já não havia mais nada lá fora. Tudo era pra dentro. Lá fora só tinha noite.

Devo ter ficado meia hora com minha cerveja, reprovando os paralelepípedos, censurando as motos, condenando-me, até que entraram duas mulheres, ébrias, calças pretas, a gargalhadas, blusinhas de cetim, gritando, saltos agulha, lábios carmim, e sentaram-se à mesa de trás, pediram uísque e seguiram gargalhando, perfumadas, enquanto eu as escutava sem entender bem o que falavam, então chegou esse homem, com regata branca, mal barbeado, e se sentou com elas. Tinha algo nele, suponho, porque virei o meu corpo e o olhei e ele me olhou; terminou de cumprimentá-las e voltou-se a minha mesa. Creio que foi seu sorriso. Ou sua regata. Ou sua barba de anteontem. Algo disso, porque me pediu licença e não pude dizer que não. Convidou-me a tomar uma cerveja ou o que eu quisesse: sentou-se comigo. E não foi a cerveja, nem o licor. Mas foi algo: algo que eu disse ou que ele perguntou.

O chamavam de Zeus. Assim se apresentou, enquanto as mulheres seguiam perfumadas, na mesa de trás, mas menos estrondosas, ou mais silenciosas, acaso surpreendidas, tentando escutar.

Mas Zeus sentou-se ao meu lado, de costas para elas, e me sussurrava e duvido que elas escutassem algo.

Talvez sentiram ciúmes. Não sei.

Passou uma hora, talvez duas. Um longo tempo, porque Zeus me perguntava sobre as coisas que eu gostava, por minha vida. E eu falava. Talvez a cerveja. Ou o licor. Eu falava, entre sussurros, e ele me escutava como se fosse só um ouvido.

Não sei o que foi: talvez a noite, ou os paralelepípedos e as motos que refletiam um pouco da lua. Ou Zeus, que seguia me escutando. E que falta me fazia, porque comecei a falar. E lhe disse: que eu odiava ele, que estava do outro lado, jogando pôquer, e que era minha culpa, porque nunca dizia nada, por medo, por hábito ou para não discutir.

Não sei se foi o uísque ou se já estava cansada das regatas ou dos lábios de carmim.

Sei que foi ontem à noite: Pedro afastou a cortina verde quando Zeus me beijava e eu não podia dizer que não.

Trajetórias

7h30: Você saboreia, devagar, o café, enquanto tua mulher pergunta de que horas você volta, e você escuta, vagamente, que teu filho está reclamando, pois não quer ir à escola. Você responde, meio sonolento, que volta às sete, caso Ortiz não se atrase. Dá um beijo em tua esposa, na testa, enquanto olha o relógio e balbucia que já está na hora. Se despede dela, te ligo mais tarde, amor, enquanto ela dá um beijo em Felipe, e um abraço, e deseja que ele se divirta, hoje, na escola.

7h30: Te empurram, por trás, você recebe duas cotoveladas, levanta o queixo e te fazem descer, a bordoadas, do trem. Você sai, junto da manada, passinhos curtos, à plataforma. Recobra o equilíbrio e acelera, as dozes quadras, até a obra. Vocês precisam terminar hoje, sem falta, o piso 11. São vinte caixas, de pisos grandes, e você promete que hoje, ainda que precisem ficar, concluirão com isso.

7h38: Você coloca Felipe na cadeirinha do carro, e tenta apertar o cinto de segurança, enquanto escuta ele reclamando, um pouco, não muito, nessa coreografia cotidiana que vocês já sabem de cor. Então promete que de noite vai trazer um doce para ele, e ele te deixa, com esse sorrisinho, apertar o cinto. Você entra no carro e acelera, apressado, rumo à escola.

7h38: Você entra na obra, o gordo Ramírez te cumprimenta e te pergunta, zombando, se de noite Leticia te tratou bem. Você

não responde e apressa o passo, rumo ao piso 11, enquanto escuta, pelas costas, o riso do gordo Ramírez que se amortiza, em teus ouvidos, enquanto você sobe, acelerado, a tomar esse café que sempre toma antes de começar.

7h55: Você se lembra da reunião de hoje, com Ortiz, e repassa, na tua cabeça, os argumentos que rabiscou na noite anterior, porque quer, a todo custo, que ele assine esse crédito; você pensa que tudo pode sair bem, e isso te arranca um sorriso, que te acorda do letargo, e te permite frear, justo a tempo, antes que você pegue esse buraco no asfalto.

7h55: Hoje você tem que trabalhar com Juancho, ao lado da varanda. Mostram as caixas de pisos e o amolador para vocês. Dizem para começar pela esquerda, fazendo, com esmero, o xadrez: um piso branco, um preto. Os pisos são grandes, explica o capataz, mas já não temos tempo de trocá-los. Vamos cortá-los. São de quarenta por quarenta, nós os queremos de trinta, você escuta, distraído, as instruções, enquanto se perde na boca de Leticia e em seus olhos negros e em suas pernas de ontem jurando que ela vai ficar com você.

8h01: Você chega na barreira de Pampa, como sempre chega, enquanto aumenta o volume do som, porque Felipe gosta dessa música. Cantam juntos, o refrão, porque Felipe gosta quando você canta com ele. Depois a barreira se levanta e um carro acelera, te impedindo de passar, enquanto você segura o palavrão, e a garoa segue, fininha, sobre o asfalto.

8h01: Você fica contra a janela cortando os pisos, como pediu Juancho, e está trabalhando nisso, medindo, pegando o amolador, cortando, enquanto volta a se perder na voz de Leticia,

sussurrando que vai largar Tano, prometendo que vai ficar com você, tantos anos esperando e agora tá pra dar certo, e um sorriso escapa da tua boca, enquanto corta um piso e o entrega a Juancho, para que comece a colar.

8h06: Você contorna o bosque e vê, pela janela, muita gente saindo para caminhar, apesar da chuva. Você se pergunta o que os motiva a sair em um dia como esse, para se molhar, enquanto pensa que, na realidade, você nunca faria isso. Você olha teu filho, pelo espelho retrovisor, e percebe que ele também os observa. Você fica curioso com essa coincidência e pergunta: Feli, tá olhando o quê? Teu filho responde: essas pombas. Você as procura, pelo espelhinho, mas elas já não estão lá.

8h06: Juancho te pede para ir mais rápido e você percebe que está em câmera-lenta, distraíndo-se com Leticia, justo hoje, que precisam terminar esse piso. Você promete a Juancho que vai trabalhar mais rápido. As tuas costas doem, todo agachado desse jeito, e você decide trabalhar de pé. Vai buscar uma prancha e dois cavaletes, e pede para que Juancho o ajude. Você fica na varanda, cortando os pisos na vertical.

8h10: Você está perto de chegar, mas a fila de carros não se move e não te deixa avançar. Chegarão tarde, como sempre, e você se pergunta quando terminará essa obra, com esses caminhões que não param de sair e entrar, todas as manhãs, bem nessa quadra que você precisa que esteja livre para que teu filho não chegue tarde na escola.

8h10: Você fica feliz, trabalha mais fácil assim, apoiando os pisos na prancha e com o amolador na varanda, trabalha até mais rápido, e você não se importa com a garoa, ainda que te molhe

um pouco, porque dói menos as costas, e porque, de qualquer forma, está feliz hoje: sente prazer de ter ganho a garota de Tano; você ganhou, ainda que ninguém acredite, e Leticia agora é tua.

8h12: O Peugeot que está na frente acelera. Deixa, repentinamente, trinta metros livres, e você aproveita para acelerar, também, por medo que um caminhão saia da obra e te feche de novo e te atrase ainda mais. Você põe a primeira, avança até onde dá, tudo junto, e escuta um estrondo, como uma bomba, lá atrás. Freia, assustado, e vira a cabeça, querendo entender o que aconteceu. Vê a janela traseira detonada, mil pedaços que brilham, a contraluz, com a garoa persistente, que agora se mistura, pouco a pouco, com todo o sangue, que se derrama, imparável, sobre o estofado.

8h12: Você vê o cabo do amolador se molhar na varanda, e acha melhor trabalhar lá dentro. Pede ajuda para Juancho, aos gritos, mas Juancho não te escuta. Entra e percebe que ele não está lá. Então você levanta a prancha, sozinho, a carrega pelo ombro, e quando gira para entrar, a ponta da prancha bate no amolador, que começa a cair da varanda, desde o piso 11, rumo à rua. Você solta a prancha e ainda consegue ver o cabo, dançando pelo ar, e consegue pegá-lo, mas está molhado, e desliza. Você olha para a rua, vê essa mancha que cai, como uma pipa invertida, em direção a esse carro que avança, e ainda que você queira evitar, você vê, também, como o amolador entra, em cheio, na janela traseira.